

Meu Lugar na UFRGS

Dedicação que marca



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

Quem vê o primeiro prédio de tijolos à vista à direita, na Faculdade de Veterinária (Favet) da UFRGS, não imagina o que tem ali. Logo na entrada principal, ao lado das catracas, há um esqueleto de avestruz, indicando o que vai se encontrar mais adiante. É o Prédio 36 da Favet, onde a professora de Anatomia Animal e coordenadora da Coleção Ornitológica da UFRGS, Ana Cristina Araújo, trabalha há seis anos. “Sempre estudei aqui, da graduação ao doutorado”, comenta sobre o vínculo de 19 anos que tem com o câmpus. Como professora da Favet, coordenou o projeto de restauração da Coleção Ornitológica da UFRGS, inaugurada em agosto do ano passado. Primeira do gênero no Estado, a exposição está no Prédio de salas de aulas da Faculdade, perto de seu gabinete de trabalho.

E isso também é significativo para Ana, que conheceu a coleção na graduação, ao entrar na faculdade. “Quando ia para as aulas de Anatomia, via essas peças no corredor deixadas de lado. E isso me incomodava muito”, relata. Quem diria que, anos mais tarde, seria ela quem encabeçaria a restauração de tudo aquilo.

A partir de um projeto de extensão, salvaram-se 62 dos 644 exemplares. Alunos, professores e técnicos da Faculdade de Veterinária e do Instituto de Biotecnologias participaram da atividade. “Agora, a coleção está em um espaço maior e mais visível”, analisa positivamente.

Na Universidade, Ana Cristina trabalha com morfologia de animais domésticos. Os exemplares disponibilizados pela faculdade incluem cavalos, ovelhas, porcos, cães, gatos e galinhas. Dentro do prédio em que leciona, há laboratórios com esqueletos vultosos e diversos órgãos mergulhados em formol dentro de caixas. Ana se orgulha: “são salas organizadas e bem equipadas,” além de mostrar o trabalho minucioso de montagem do material coletado.

A diversidade de espécies também surpreende quem entra no prédio. Muito disso vem da necessidade que os professores têm de possuir conhecimento

diversificado. “Temos que explicar no mínimo cinco espécies para os alunos, e elas são muito diferentes entre si”, pontua.

Ana já começou a dar aulas durante o seu doutorado como professora substituta, após o falecimento de Tânia, docente da mesma área. “Depois dessa experiência, pensei: ‘Acho que isso é algo que consigo fazer por uns 35 anos’”, lembra. Após um ano lecionando na Universidade Federal de Pelotas, foi chamada para ser professora no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS. “Mas o que eu realmente queria era ficar na Anatomia”, revela.

Com a criação do curso de Zootecnia, em 2012, o MEC liberou uma vaga para o departamento de Agronomia, que disponibilizou para a Morfologia. “E desde 2013, sou professora de Anatomia pela UFRGS”, registra sorridente.

Hoje, no prédio, ela ministra a disciplina para os cursos de Medicina Veterinária, Agronomia, Zootecnia e, a partir deste ano, como eletiva para Ciências Biológicas. “A nossa rotina é bem puxada, temos um volume muito grande de turmas e de alunos”, comenta. A estimativa é de que, até agora, quase duas mil pessoas já passaram pelas suas aulas.

E, apesar da matéria pesada, Ana faz parecer mais agradável. “Durante o período letivo, muitos alunos vêm aqui para tirar dúvidas ou até mesmo para conversar, tomar um café”, conta. Além dos laboratórios, também há escritórios e outras salas dentro do prédio que é o seu local de trabalho.

Ana, que sempre quis fazer o curso de Veterinária, é reconhecida pela sua dedicação e comenta a sua identificação com o Câmpus: “Me sinto muito bem nesse lugar. Até brinco com a minha filha que, quando morrer, quero que me cremem e joguem minhas cinzas onde estão as ovelhas (atrás do prédio onde trabalha), para que eu permaneça aqui”.

Carolina Pastl,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Livre para sonhar

A monotonia de um dos cafés situados no Câmpus Centro se quebra quando o professor Stefano Florissi, da Economia, entra no estabelecimento. “Henrique, querido! Como vai o curso de Jornalismo?” Cada pessoa conhecida que passa pelo espaço ele cumprimenta pelo nome. Provoca-o perguntando se saber o nome de todos os estudantes é estratégia. “Não”, apressa-se. “É realmente uma questão de ter uma aproximação humana que, cá entre nós, me nutre profundamente. Cria uma sensação de estar em casa, em família. Hoje, a maioria dos meus amigos são ex-alunos. Chegou um momento em que eu percebi que quanto mais eu me soltasse, fosse eu mesmo, mais eu seria feliz dando aula e conseguiria sensibilizar os alunos.” Entretanto, nem sempre foi assim.

Em meados da década de 2000, Stefano viveu o ápice de uma profunda crise existencial e cogitou abandonar a Economia. Apesar da trajetória brilhante – ele começou o doutorado com apenas 22 anos na University of Illinois, nos Estados Unidos, e aos 27, em 1997, já dava aulas na UFRGS –, ou talvez por causa dela, o docente sentia que algo estava fora do lugar: a máxima da academia americana *publish or perish* (publicar ou perecer) não era para ele.

Certa vez, após palestrar em um evento organizado pelos alunos da Escola de Administração, uma voz ecoou da plateia elogiando-o pela forma descontraída com que havia se portado. “Não é sempre que vemos um economista falando assim do coração. De onde veio isso?” Ao que ele respondeu: “Quando criança, eu acreditava em um planeta povoado pelo Pato Donald e pelo Mickey Mouse...” Após uma pausa, completou: “... e ainda hoje acredito”. Quando se deu conta do que acabara de falar, na frente de mais de 300 pessoas, seu coração gelou. Porém, pela primeira vez em muito tempo, sentiu que havia recuperado a liberdade. “O que me faz cientista, a objetividade no coletivo, pode perfeitamente conviver com a liberdade individual de acreditar e sonhar”, concluiu. Stefano foi aplaudido de pé por todos os presentes. Foi um momento marcante em sua vida.

Um pouco mais tarde, descobriu o campo que viria a se tornar o foco de suas contribuições à ciência: Economia da Cultura. Em 2006 coordenou o primeiro curso de especialização da área no Brasil. “Antes, a Economia da Cultura era interpretada sob os olhos da economia tradicional. Nossa preocupação é entender a cultura como um processo de desenvolvimento das possibilidades de as pessoas terem mais recursos internos para serem felizes.”

Um alpino nos trópicos – No meio da entrevista, somos interrompidos pelo atendente que trazia sua refeição – “Obrigado pelo almoço, Rodrigo!”, agradece, gentilmente, apesar de já ser hora da janta. Seus horários não são a única diferença que chama a atenção em Stefano: ele é aficionado por séries de TV, dirige só carros alugados e muda-se constantemente. “Minhas posses são, basicamente, minhas roupas. Estou vivendo o momento mais livre da minha vida, me libertando um pouco do fardo dos excessos de coisas que normalmente carregamos e acumulamos.”

A autenticidade certamente se deve, pelo menos em parte, à sua criação. “Nasci em Recife em julho de 1969, mês em que o homem chegou à Lua, por isso eu vivo no mundo da lua... Foi o mês de Woodstock, de Stonewall, que começou o movimento pelos direitos gays nos Estados Unidos, mas o acontecimento mais importante foi o meu nascimento”, brinca. Seus pais tinham emigrado de uma região rural muito particular da Itália – que tem até idioma próprio, o friulano, que ele se gaba por “poder colocar no Lattes” – e vinham de famílias cujas diferenças sociais e econômicas eram grandes.

“Cresci nesse ambiente de contrastes culturais, em que eu particularmente me sentia muito diferente, sentia que não pertencia a canto algum. Toda a minha família morava na Itália e eventu-

almente eu era comparado com meus primos de lá, além de coisas do tipo: lá tinha Nutella e aqui não”. Foi na graduação, cursada na Universidade Federal de Pernambuco, que começou a se dar conta de sua brasilidade: “Todos nós, na infância e adolescência, construímos barreiras, senão fica impossível sobreviver, mas essas barreiras não servem mais na medida em que vamos crescendo. Por isso, acho que as pessoas entram na universidade para se abrir para a vida, para expor a si próprios”.

É isso que ele tenta, hoje, reproduzir na sala de aula. “Me considero um pouco um desorientador. Prefiro incentivar os estudantes não com respostas, pois não as tenho, mas com certa abertura para a dúvida. Vamos quebrar nossas estruturas, vamos não entender o que virá, vamos abrir mão da nossa necessidade de controle. Com a espontaneidade vem a sabedoria.” Apesar de vários artigos publicados e da progressão para professor titular, nível mais elevado na hierarquia da carreira docente universitária, em 2018, Stefano sente que as maiores conquistas de sua trajetória foram as vezes em que foi escolhido como homenageado ou paraninfo. “Acho que é para isso que eu existo profissionalmente: para dar aula”.

Henrique Moretto,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM